

moralizada ajustada
pensada sagrada

útil intensa

A vida que vale a pena ser vivida

Clóvis de Barros Filho
e Arthur Meucci

prazerosa
socializada
útil
tranquila



ajustada
potente
sagrada
pensada
intensa

Clóvis de Barros
Filho
Arthur Meucci

A vida que vale a
pena
ser vivida



VOZES

**Dados Internacionais de
Catologação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do
Livro, SP, Brasil)**

Barros Filho, Clóvis de
A vida que vale a pena ser
vivida / Clóvis de
Barros Filho, Arthur Meucci.
– Petrópolis, RJ :
Vozes, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-326-4484-8 –

Edição digital

1. Atitude (Psicologia) 2.

Conduta de vida

3. Mudança de vida 4.

Sucesso I. Meucci, Arthur.

II. Título.

10-02100 CDD-181.0956

Índices para catálogo

sistemático:

1. Conduta de vida : Filosofia
de vida

181.0956

© 2010, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet:
<http://www.vozes.com.br>
Brasil

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra
poderá ser reproduzida ou
transmitida por qualquer
forma e/ou quaisquer meios
(eletrônico ou mecânico,

incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Diretor editorial

Frei Antônio Moser

Editores

Aline dos Santos Carneiro

José Maria da Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Dora Beatriz V.

Noronha

Projeto gráfico: AG.SR

Desenv. Gráfico

Capa: 2 Estúdio Gráfico

ISBN 978-85-326-4484-8 –
Edição digital

Editado conforme o novo
acordo ortográfico.

Advertência

Você ainda está na livraria. Tomou este livro da estante para folhear. Atraído pelo título. A caminho do caixa. Não se precipite.

Você supõe que a leitura oferecerá soluções para a sua vida. Que resolverá seus problemas. Ou ao menos justificará sua tristeza. Que os 10 capítulos sejam dicas inéditas e preciosas para se dar bem daqui para a frente. Receitas de gurus consagrados de além-mar. Que você acaba de descobrir um tesouro. Que finalmente o segredo do sucesso

será revelado.

Saiba que você está equivocado. Este livro não atende às suas expectativas. Sua leitura não trará soluções. Nele você não encontrará nenhuma dica ou artifício para se dar bem. Por ele, o sucesso continuará dos outros. Fora do seu alcance.

Portanto, feche o livro para não perder mais tempo. Recoloque-o imediatamente na estante. No lugar de onde tirou. Outras obras, ao lado, atenderão melhor este seu anseio.

Deixe este exemplar para outro leitor. Menos esperançoso. Mais desconfiado dos programas de excelência existencial. Que, se funcionassem, já

teriam erradicado a tristeza do mundo. Ele talvez intua que o sucesso não tem fórmulas secretas. Que se a liderança passo a passo fosse eficaz, todos já seriam líderes. Ele provavelmente se dá conta de que fórmulas indiscutíveis escravizam. De que a soberania para deliberar sobre a própria vida – com todos os riscos – é nosso único verdadeiro patrimônio. Inalienável.

Para ele escrevemos. Oferecendo reflexão crítica sobre os critérios existenciais mais consagrados. Para que possa resistir, cada vez melhor, contra todo tirano que pretenda empurrar-lhe goela baixo a vida que vale a pena.

Considerações de andamento

Querido leitor. Proponho uma conversa. Sobre a vida. Sobre a melhor maneira de viver. Mas como infelizmente não estamos juntos, só me resta deduzir suas intervenções. Em parte, são as mesmas de meus alunos. Mas coincidem também com as dúvidas que eu mesmo tive na leitura dos clássicos. Perguntas que teria feito a seus autores, se me concedessem uma aula particular.

Todo discurso tem um ou mais interlocutores. Muitas vezes, são pessoas dispostas a nos ouvir. Mas em outras, esse interlocutor está em nós. E com ele dialogamos. Num auditório íntimo. Nas páginas que seguem, esta pluralidade de vozes fica registrada. Polifonia a serviço de um melhor entendimento. Porque alguns autores, com quem vamos conversar, não são mesmo muito fáceis. Todo esforço didático é bem-vindo.

Aproveito para me apresentar. Você já deve ter deduzido. Sou professor. 100% do tempo. Informação que desperta ternura. Ou pena. Para os que conhecem melhor as condições materiais da

docência. Alguns alunos me perguntam se eu também trabalho. Orgulhosamente esclareço que não. Vivo deste *hobby*. De ensinar. E de escrever livros como esse.

– Professor do quê? Intervém você pela primeira vez.

De ética. Já sei, anda em falta. O que não é necessariamente ruim. Afinal, se o psiquiatra precisa do louco e o dentista do cariado, o professor de ética precisa de canalhas. Uma eventual extinção destes últimos poderia determinar o fim da disciplina. E do ofício de professor.

Minha formação primeira em graduação foi Direito. Simultaneamente, Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. E, só depois, muito depois,

quando já era doutor, Filosofia. O resto é bem convencional: mestrados, doutorados, livres-docências e tudo mais que nós professores universitários fazemos para distrair a existência. Hoje, sou filiado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Conhecida como ECA. É lá que você poderá me encontrar. Se quiser. O primeiro convite é para um café. Nas dependências da Cidade Universitária. Em São Paulo.

Apresento também meu colaborador: Arthur Meucci. Coautor deste livro. Somos amigos. E isso importa para uma vida boa. Bacharel, licenciado e mestre em filosofia. Profissional de análises

psíquicas. Psicanalista. Clínico e solicitado conferencista. Fomos colegas no curso de Filosofia. Já nesta condição, três coisas me chamavam atenção: erudição filosófica, capacidade para abstrações e grande talento para os seminários.

Lembro-me de quando apresentamos juntos, pela primeira vez, um seminário. Era uma quarta-feira, dia 12 de setembro de 2001. O dia seguinte. O atentado era o único tema. Mas nós fomos fiéis ao seminário: o capítulo I do livro II da Física aristotélica. A resposta de Tomás de Aquino a Aristóteles – explicada por Arthur – manteve a plateia em êxtase. Afinal, enquanto fora dali,

muitos antecipavam o fim do mundo, naquele auditório a questão tratada era: se uma cama adquirisse a potência de parir, o que ela pariria? Outra cama? Um berço? Uma bicama? Um colchãozinho? Fechei o seminário falando sobre a privação de visão em um olho cego. Inesperadamente fomos aplaudidos de pé. Por essas e outras tornou-se meu professor substituto.

Juntos, diante das páginas brancas do processador de texto projetadas no telão, fomos registrando o que enunciávamos. Primeiro, para nossa própria diversão. Depois, para compartilhar com você. Os exemplos cotidianos são meus. Bem como a

narrativa, em primeira pessoa. Meu colaborador segue obediente à ética psicanalítica.

Agradeço a todos aqueles que se dispuseram a ler o texto antes da sua publicação. Gustavo, Felipe, Marcio, Marina, Avelino, Onofre, Ana, Adriana, Karina, Roseani, Heloisa, Ricardo, Sergio, Regina. Esperava somente aplausos. Mas as sugestões foram tão numerosas e pertinentes que não pude levá-las muito em consideração. O livro teria que ser outro. Muito melhor, certamente. Mas o prazo editorial me constrangeu às páginas que seguem.

Antes de ser livro, a vida que vale a pena foi curso. Em dez aulas.

Correspondentes aos capítulos que vão ler. De duas horas cada. Por isso, esse jeito meio falado de escrever. Foi também palestra. Assistida por mais de 150 mil pessoas nos últimos 3 anos. Empresas, instituições públicas, faculdades, comitês de ética, ONGs, e tantos outros espaços. A apresentação das ideias centrais de cada capítulo foi se acomodando às necessidades de nossos anfitriões. Nestas páginas, alguns textos clássicos foram selecionados e dispostos em boxes, para que o leitor possa identificá-los mais rapidamente.

Seu conteúdo parte de uma inquietação. A denúncia das soluções facilitadoras da vida. Sua lógica social

de enunciação. Seus porta-vozes. Seus interesses. Seus espaços de disputa. Povoados por contendores de formação muito heterogênea. Charlatães de distintas fardas. Uma verdadeira sociologia da felicidade. Que apresenta os movimentos de uma batalha sem fim. Pela definição das condições legítimas da vida boa.

Mas esta sociologia das reflexões sobre a vida é só a origem deste trabalho. Coube-nos, na sequência, a fundamentação teórica desta denúncia. Para isto, recorreremos a alguns pensadores consagrados. Que fizeram escola. E que também deixaram traços sobre o senso comum, até hoje. E você,

leitor, ajudou-nos muito a entendê-los melhor. Essa investigação foi merecendo um interesse crescente entre os alunos. E ocupando um espaço significativo em meu programa.

Interesse compreensível. Porque nem sempre é fácil escolher a melhor das vidas. Para optar por uma, temos que preterir muitas outras. Todas que passarem pela nossa cabeça. Segundo critérios de cuja eficácia não temos nenhuma certeza. Nem poderíamos ter. Daí a angústia. Uma tristeza muito particular. Por não identificar – dentre as vidas cogitadas – a melhor para viver. Angústia que é marca registrada do homem. Da qual, aparentemente,

estão poupados o gato, o pombo e os demais não humanos. Como a pera.

Seria curioso, uma pera angustiada. Na iminência de se despregar da pereira, cogita permanecer no galho. Só por mais um dia. Por conta das chuvas e do solo enlameado. Essa mesma pera, dias depois, decide esticar sua estada e propõe à pereira permanecer no galho até seu apodrecimento. Afirma não ter nada que fazer lá embaixo. Por terra. Não lhe agrada a ideia de ser comida pelo primeiro transeunte faminto. Proposta prontamente aceita. De uma pera que terminou por apodrecer na pereira.

E você, leitor, dá uma risadinha de

escárnio.

– Historiazinha estúpida. Coisa de filósofo.

Pode ser. Mas eu tenho um filho. De 22 anos. Cursa o último ano de publicidade e propaganda. Escola reputada em São Paulo. Trabalha com importação de produtos franceses. Marketing de luxo. Já ganha bem. Mais do que eu, sempre distante do *marketing* e afastado de qualquer luxo. Militante da educação.

Muitas vezes me pergunto quando esse meu filho optará por viver só. Fazer carreira solo. Eu, na sua idade, já cuidava da vida longe de casa. Sem a metade das condições materiais que são

as dele. No entanto, quando ele conversa comigo sobre seu futuro, deixa claras suas intenções:

– Como sou feliz aqui, morando com você!

Diferentemente do que acontece com uma pera normal, dessas que caem quando têm que cair, meu filho delibera para viver, faz suas escolhas. Instante a instante. Joga no lixo infinitas possibilidades existenciais em nome de uma única vida de carne e osso. Não haverá de ser fácil. E, mesmo que, nesses momentos de balanço existencial, conclua que a vida é feliz, a angústia o acompanha. Por enquanto é pera, pleiteando apodrecer na pereira.

Esse fardo, que é de todos nós, de ter que deliberar sobre a existência – mesmo sem saber muito bem como – faz lembrar uma das primeiras aulas do curso semestral de ética. Os alunos provêm de muitas unidades da universidade. Para alguns, a disciplina é obrigatória e, para outros, optativa. A aluna do terceiro ano de jornalismo ergue o braço.

– Essa coisa de angústia, eu sei bem do que se trata!

Fiquei surpreso com a intervenção. Afinal, aquela jovem, de passado glorioso – o êxito no vestibular atesta – e de futuro auspicioso – a empregabilidade dos egressos em

jornalismo não é baixa, apesar da concorrência – poderia ter da vida uma perspectiva mais ingênua. Interessei-me pelo que tinha a dizer. Inquiri sobre as razões da sua convicção. Sobre a certeza da angústia. E ela, sem delongas, foi logo relatando o seguinte episódio:

– Professor eu tenho um namorado. Ele faz Poli (Faculdade de Engenharia da universidade). Mecatrônica, continuou ela. Nós nos damos muito bem. Somos um casal feliz, como se costuma dizer. No ano passado, eu o convidei para vir comigo a um evento esportivo universitário, que ia rolar em Avaré. Argumentei que era semana da pátria. Que não haveria aula. Que

iríamos nos divertir. Mas ele, irreduzível, insistia em ficar estudando.

– Tenho que terminar esse robozinho até o final da próxima semana, disse ele com sincera preocupação.

Pois bem. Fui sozinha. E lá chegando, percebi que o esporte ali era atividade secundária. Que a maioria só estava a fim de sacanagem. Que o sexo rolava solto. Foi quando um rapaz, apetecível, de capital estético indiscutível, musculatura saliente – muito diferente do meu mirrado mecatrônico – propôs uma cópula furtiva. Uma bimbada mágica. Garantiu que desapareceria imediatamente após o coito. Sem deixar sequelas sentimentais. Nem rescaldos

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Vida que Vale a Pena ser Vivida" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).